

***Les politiques de lecture et leurs acteurs, 1980-2000. [As políticas de leitura e seus atores, 1980-2000].***

A obra de Max Butlen, *Les politiques de lecture et leurs acteurs, 1980-2000* [As políticas de leitura e seus atores, 1980-2000], traz, como sugere o título, uma vasta síntese das políticas de leitura na França nos vinte últimos anos do século XX. O autor, professor da Universidade de Cergy-Pontoise e diretor adjunto do IUFM (Instituto Universitário de Formação de Professores) de Versalhes, traça de maneira detalhada as mudanças ocorridas na França de 1980 a 2000 para que o país tivesse livros acessíveis para toda a população, não só pelas excelentes e numerosas bibliotecas públicas, mas também pelos livros com preço único nas livrarias.

O interesse do leitor brasileiro pela leitura da obra de Max Butlen não deve passar pela comparação entre a atual situação da leitura no Brasil e na França, já que os dois países se diferem histórica, social e culturalmente. A leitura pode, em contrapartida, visar conhecer o modelo francês para melhor pensar – ou repensar – o modelo brasileiro e para onde vêm caminhando as políticas de leitura em nosso próprio país.

A extensão da obra (614 páginas) e extensa bibliografia consultada (48 páginas de referências) são reflexos da meticulosa pesquisa e cuidadosa explicação de cada ator social e setor da sociedade envolvido nas políticas de leitura no período estudado. As fontes de pesquisa, segundo Max Butlen, foram triplas. As fontes primárias se constituem de discursos dos atores recolhidos diretamente ou nas publicações oficiais e literatura específica, nos arquivos dos ministérios, nos arquivos pessoais e privados. Já as secundárias têm origem de impressos, artigos, livros, ensaios e trabalhos de pesquisa. Por fim, uma implicação pessoal do próprio autor no setor do livro, da leitura, da formação dos leitores após mais de vinte anos permitiu a ele observar diretamente a execução das políticas de oferta de leitura e forneceu os dados para o que ele chama de uma “pesquisa participativa”.

A obra está dividida em seis partes que contemplam as mudanças nas políticas de leitura na França nos vinte anos em questão. Na introdução, que se inicia com a frase *No início dos anos oitenta, a leitura se torna na França uma prioridade política nacional*<sup>1</sup>, o autor explica que as campanhas políticas de 1981, na França, abordaram o problema da oferta da leitura, considerada insuficiente no país. A vitória de François Mitterrand, em 1981, garantiu a ascensão da esquerda ao poder, com imediatas decisões políticas, legislativas e orçamentárias que desencadearam uma nova dinâmica para o problema da leitura. A partir disso, grupos profissionais, associações, grandes instituições e os ministérios decidem se envolver em campanhas consideradas decisivas. Ao mesmo tempo em que as ações se proliferam, estudos, artigos, publicações, debates, conferências e seminários abordando temas como a aprendizagem e desempenho de crianças e jovens, o incentivo à leitura, o desenvolvimento necessário das bibliotecas, as práticas de leitura entre os adultos, se multiplicam.

A primeira parte da obra apresenta as evoluções na oferta de livros entre os anos de 1980 e 2000, assim como os conflitos e consensos que levaram ao preço único do livro na França em 1981 (Lei Lang de 30 e 31 de julho de 1981). Nesta parte, são apresentados dados a respeito do desenvolvimento do livro infantil e juvenil no país. Se em 1958, a França contava com 650 títulos do gênero no mercado, esse número passa para 3500, em 1975; 7245, em 1990; e alcança 8350 títulos em 2000. Max Butlen nos esclarece que o livro de literatura para crianças e jovens representa grande parte da paisagem editorial na França atualmente, sendo uma parte significativa das atividades das grandes editoras.

Nesse período, houve também um aumento considerável no número de bibliotecas públicas. Em 1981, o então ministro da Cultura Jack Lang encarregou-se de cumprir as promessas eleitorais feitas pela esquerda aos bibliotecários. Para as bibliotecas públicas departamentais, 17 criações são realizadas, os créditos passam de 37 a 94 milhões para o funcionamento e de 18 a 40 milhões para equipamentos. Em 1991, Jack Lang, em uma entrevista coletiva, destaca o caminho percorrido em dez anos: 37 bibliotecas centrais e 33 bibliotecas departamentais foram construídas pelo Estado. Além disso, um esforço grande foi feito para tentar atrair novos públicos para as bibliotecas além do estabelecimento das bibliotecas escolares.

---

<sup>1</sup> “Au début des années quatre-vingt, la lecture devient en France une priorité politique nationale” (BUTLEN, 2008, p. 7, tradução nossa).

Na segunda parte, Max Butlen apresenta informações sobre os profissionais do livro e da leitura. A abundância de oferta é acompanhada por uma notável redistribuição de missões, funções e posições. O autor explica a perspectiva da evolução dos papéis e de lugares no novo mercado da leitura. Para isso, parte da definição de Raymond Bourdoncle, segundo o qual o termo “profissionalização” designa três tipos de processos. São eles: o processo de melhora das capacidades e dos saberes colocados em ação no exercício da profissão; as estratégias e a retórica implantados pelo grupo profissional para reivindicar uma melhora do status social da atividade; por fim, a adesão à retórica e às normas profissionais admitidas coletivamente.

São abordados na segunda parte da obra os profissionais preocupados com as questões culturais: os bibliotecários – atores responsáveis pela construção do problema social da leitura – e os escritores – que, após reivindicações no final da década de 1970 e a criação da *Maison des écrivains* [Casa dos escritores] em 1984, entre outras mudanças, tiveram o reconhecimento de escrever como um trabalho e uma função social –; e os profissionais preocupados com as questões econômicas: os editores – cujo lema era *le livre n’est pas un produit comme les autres* [o livro não é um produto como os outros] – e os donos de livrarias – que foram obrigados a evoluir as livrarias clássicas, adaptando-as às novas leis do mercado, com o risco de desaparecer por conta da concorrência.

Os teóricos da oferta de leitura – os militantes da literatura infantojuvenil, os militantes da pedagogia e os pesquisadores da área – são abordados na terceira parte da obra. Max Butlen define militante como sendo *aquele que luta para defender ideias, valores, uma causa, o objetivo permanente é partilhar, reconhecer, triunfar*<sup>2</sup>. Além do mais, com os militantes *entramos totalmente nos espaços de ação racional guiados pelos valores*<sup>3</sup>. Os pesquisadores, em contrapartida, *trabalham para produzir conhecimento científico, seus trabalhos obedecem a uma lógica diferente. A descrição dos objetos e do campo se realiza na objetivação dos fatos e no distanciamento*<sup>4</sup>. De maneira resumida, enquanto os militantes *são os prescritores que entendem ponderar os comportamentos dos leitores*<sup>5</sup>, os pesquisadores *podem ser conduzidos a intervir na gestão das ações*<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> “[...] celui qui combat pour défendre des idées, des valeurs, une cause, l’objectif permanent est de les faire partager, reconnaître, triompher” (BUTLEN, 2008, p. 213, tradução nossa).

<sup>3</sup> “[...] nous entrons pleinement dans les espaces de l’action rationnelle commandée par des valeurs” (BUTLEN, 2008, p. 214, tradução nossa).

<sup>4</sup> “[...] s’emploient à produire des connaissances scientifiques ; leurs travaux obéissent à une autre logique. La description des objets et du champ se réalise dans l’objectivation des faits et leur mise à distance [...]” (BUTLEN, 2008, p. 214, tradução nossa).

<sup>5</sup> “[...] sont des prescripteurs qui entendent peser sur les comportements des lecteurs” (BUTLEN, 2008, p. 214, tradução nossa).

<sup>6</sup> “[...] peuvent être conduits à intervenir dans le pilotage des actions” (BUTLEN, 2008, p. 214, tradução nossa).

Entre as pesquisas na área, destaca-se a grande diversidade de setores interessados na leitura: linguística, psicologia, psicanálise, sociologia, história, ciências da informação e da comunicação, bem como as ciências médicas. Fazem parte dos militantes os bibliotecários, alfabetizadores, professores, sindicalistas, entre outros profissionais ou os que desejam tornar-se um. O autor também chama a atenção para o reconhecimento de utilidade pública (decreto de 7 de julho de 1983) do *Centre de recherche et d'information sur la littérature pour la jeunesse* (CRILJ) [Centro de pesquisa e informações sobre literatura infantojuvenil] e o fato de agregar-se ao *ministère de la Jeunesse et des Sports* [ministério da Juventude e dos Esportes]. O centro tem como meta propor uma plataforma de informações, encontros e atividades para a promoção da literatura infantojuvenil, além de desenvolver programas de formação inicial e continuada de todas as categorias socioprofissionais interessadas na área, entre elas bibliotecários e donos de livrarias.

A inserção da leitura em cada setor da ação governamental é o tema da quarta parte do livro. O autor nos esclarece que, durante o período estudado – de 1980 a 2000 – a ação ministerial e interministerial trabalha de maneira espetacular com a tarefa de tratar das questões de insuficiência de oferta de leitura, de desigualdade de acesso e de desigualdade de apropriação social das proposições de leitura. A ação dos ministérios nesse domínio aconteceu bem antes do período em questão e Max Butlen chama a atenção para o fato de a aquisição se intensificar durante os vinte últimos anos do século XX, já que a resolução de problemas novos exigem *l'inscription sur agenda* [a inclusão na agenda].

São numerosos os ministérios que inscreveram a leitura em suas agendas e em seus organismos: *Agriculture* [Agricultura], *Défense* [Defesa], *Droits de la femme* [Direitos da mulher], *Formation professionnelle* [Formação profissional], *Jeunesse et Sports* [Juventude e Esportes], *Santé* [Saúde], *Travail* [Trabalho], *Ville* [Cidade], etc. Todos esses ministérios, segundo Butlen, passaram a interferir nas questões de leitura paralelamente aos dois grandes provedores de oferta desta: o ministério da Educação Nacional e o ministério da Cultura.

Na quinta parte, o tema abordado é o ministério da Cultura, com o subtítulo: *Le ministère de la Culture, le ministère de la lecture ?* [O ministério da Cultura, o ministério da leitura?]. O autor destaca os conflitos e as discussões entre 1979 e 1981 em torno do preço fixo do livro. Em janeiro de 1979, René Monory, então ministro da Economia, libera, por meio de um decreto, o preço do livro. Antes disso, o livro vivia, na França, sob o regime do *prix conseillé* [Sistema de Registro de Preços], no qual o editor recomendava um preço, as

livrarias, com base no preço recomendado, fixava o seu. A decisão desencadeou uma onda de manifestações entre as livrarias e editores, como também entre os intelectuais e políticos.

A partir do livro, a questão da leitura no país é lançada e se torna um problema político de primeira importância, sendo objeto de debates durante as campanhas presidenciais de 1981. François Mitterrand anuncia sua intenção de revogar o decreto Monory e de instituir um preço único para o livro. Com sua vitória, sua promessa é cumprida, juntamente com o então ministro da Cultura Jack Lang. O objetivo da medida era defender as pequenas livrarias, bem como manter, no país, uma edição de qualidade. Questões sobre a leitura passam, a partir disto, a ser discutidas por toda a França: leitura pública e leitura privada, leitura na escola, o funcionamento e os equipamentos das bibliotecas, festa nacional em prol da leitura, entre outras.

*Le ministère de l'Éducation nationale, le ministère de l'apprentissage de la lecture ?* [O ministério da Educação Nacional, o ministério do ensino da leitura?] é o subtítulo da sexta e última parte da obra. Max Butlen recorda que, no início dos anos 1980, as críticas a respeito da falta da leitura para além da escola e para a leitura nas bibliotecas públicas se fizeram mais diretas, o que fez com que o ministério da Educação Nacional repensasse suas estratégias e passos a seguir. A pergunta lançada foi: como transformar a prescrição em oferta? O período de 1980 a 2000 é marcado por três questões de oferta de leitura: os lugares, o tempo e os passos a serem seguidos para a formação de leitores para além do ambiente escolar.

Neste contexto, diversas foram as medidas tomadas pelo ministério da Educação no período em questão para desenvolver a leitura, com uma dupla tarefa: renovar a formação do leitor e transformar a oferta de leitura para fazer ler mais e melhor. Uma atenção especial é dada para o desenvolvimento das habilidades leitoras para formar um leitor polivalente com uma dupla habilidade: saber e gostar de ler. Nesta parte da obra, são listados diversos congressos, colóquios, programas e pesquisas voltadas para tal fim.

Chama a atenção na obra o fato de as políticas de leitura na França no período de 1980 a 2000 terem evoluído em dois domínios principais: os objetos oferecidos e os mediadores de leitura. Merece destaque ainda o desenvolvimento das bibliotecas públicas, a instauração do preço único do livro e a profissionalização dos atores envolvidos no processo.

Nas linhas abaixo, Max Butlen resume de maneira breve os objetivos do documento oficial *Apprendre à lire pour les 2-12 ans* [Aprender a ler entre os 2-12 anos], de 1985, que pode ser considerado como um resumo de todo o esforço das políticas de leitura na França no período estudado:

[...] seria ilusório acreditar que uma nova política de leitura pudesse nascer independente de uma nova política de escola e de uma reflexão geral sobre educação, sendo entendido que a "Educação Nova" pede a transformação das relações sociais.<sup>7</sup>

No que se refere à leitura em um país, podemos concluir que um livro enquanto objeto material, pouco significa para um leitor se este não fizer daquele um objeto simbólico. Não se pode, portanto, neste processo complexo que se constitui a formação de novos leitores, desconsiderar o papel dos mediadores e atores sociais envolvidos no processo, os quais, assim como os livros, desempenham um papel essencial e insubstituível e precisam trabalhar em parceria. Sendo assim, só com a atuação de todos os envolvidos, tal qual mostrou o modelo francês, é que se torna possível passar de uma política do livro para uma verdadeira política de leitura.

#### REFERÊNCIAS

BUTLEN, Max. *Les politiques de lecture et leurs acteurs, 1980-2000* [As políticas de leitura e seus atores, 1980-2000]. Lyon: INRP, 2008, 614 p.

---

Flávia Pereira de Paula possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados, Mestrado em Letras pela mesma instituição. É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. Atua nas áreas de leitura, literatura infantil e juvenil, formação de leitores.

---

<sup>7</sup>«[...] il serait illusoire de croire qu'une politique nouvelle de lecture puisse naître indépendamment d'une politique nouvelle de l'école et d'une réflexion générale sur l'éducation, étant entendu que « l'Éducation nouvelle » appelle la transformation des rapports sociaux» (BUTLEN, 2008, p. 247, tradução nossa).